

James Potter

E A MALDIÇÃO
DO GUARDIÃO



G. NORMAN LIPPERT

BASEADO NOS PERSONAGENS E UNIVERSOS DE J. K. ROWLING

JAMES POTTER

E A MADIÇÃO DO GUARDIÃO



George Norman Lippert

Baseado nos personagens e universos de J. K. Rowling

Tradução para português de



Composta por:
. mafia dos livros . - Brasil
Armada Tradutora - Brasil
LLL - Hispanoamérica e Espanha

James Potter e a Maldição do Guardião (a "Obra") é uma Fan Fiction da série Harry Potter e não foi criado pela autora original da história, J.K. Rowling, nem responde aos seus patrocinadores. Nos casos em que a marca registrada da série (os "Direitos do Autor") são usadas na Obra, tal uso é eventual e não contém propósitos de indicação de fonte. Estes tipos de marcas comerciais são e continuarão sendo propriedade da Sra. Rowling e seus agentes. Pela presente, o autor renuncia a qualquer interesse de ditos Direitos de Propriedade. A obra criada por G. Norman Lippert © 2008, traduzida pela equipe LLL Divisão Luso-Brasileira © 2009.

Um verão de mudanças trás James Sirius Potter de volta a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, com uma nova perspectiva. Confiante de que deixou para trás as aventuras do ano passado, James se prepara para os desafios mais prosaicos de sua carreira estudantil, fazer o teste para entrar no time de quadribol, e manter um olho em seu irmão Alvo e em a sua prima Rosa.

No entanto, o novo ano traz novas aventuras, começando com algumas questões de preocupação crescente a respeito do novo diretor, Merlino Ambrósio, cuja longa viagem fora do tempo pode ter atraído a atenção de uma horrível entidade conhecida lendariamente como “o Guardião”.

Determinado a provar a confiabilidade de Merlim, James encontra-se a imerso numa profunda teia de intriga, decepção e segredos que se alonga de volta no tempo, até a época dos fundadores.

Sob a ameaça do Guardiã, que está preparando o seu profetizado médium humano para um reino definitivo de ruína, James, Rosa e Ralf forjam inesperadas alianças num último esforço desesperado para detê-lo antes que seja tarde demais.

Porém, no final, todas as esperanças levam a Merlim, e James deve enfrentar a possibilidade real de que tudo o que sabe sobre o novo diretor é, na verdade, uma fachada cuidadosamente erguida.

Prólogo



A chuva caía em grandes gotas, golpeando o chão com força suficiente para levantar uma suja e pesada neblina. Um homenzinho permanecia de pé num canto, sob a única luz que funcionava, e estudava a rua. Prédios abandonados se alinhavam de um lado, escuros e ameaçadores, como dinossauros mortos. O outro lado estava dominado por uma fábrica igualmente horripilante atrás de uma cerca de arame. No portão, os cartazes de advertência chiavam e tamborilavam com o vento. Havia um carro estacionado na rua, com pinta de estar ali tempo o suficiente para ter se convertido em parte do ecossistema local. O homenzinho moveu os seus pés, sua cabeça careca reluzia pela chuva. Olhou para trás, para as agitadas ruas que tinha acabado de chegar, e soltou um pigarro. Tirou a mão do bolso do casaco e sustentou-a em alto na luz. Quando abriu sua mão, nela tinha um pequeno e maltratado pedaço de pergaminho. Leu as palavras pela décima vez. Letras de tinta azul soletravam o nome da rua e nada mais. O homem sacudiu a cabeça, irritado.

Estava prestes a apertar o pergaminho no punho de novo quando as palavras desapareceram sob a chuva que caía. O homenzinho piscou, olhando fixamente o espaço em branco que as palavras tinham deixado. Lentamente, mais palavras escreveram-se no papel, como se escritas por um lápis invisível: um endereço.

O homenzinho franziu a testa para o pergaminho, e voltou a metê-lo em seu bolso. Olhando de soslaio, localizou um número sobre a porta do apartamento abandonado mais próximo. Suspirou e afastou-se do brilho amarelado da luz, caminhando pela valeta sem importar-se que estivesse inundada. Como saberia a maior parte das pessoas que soubessem como olhar, o homenzinho não era um completamente um homem. Era um duende. Seu nome era Forge e odiava aventurar-se no mundo dos seres humanos. Não é que ninguém nunca tivesse percebido nada diferente em seu tamanho ou em sua estranha face. Ele usava botas com saltos de quatro polegadas e um feitiço *Visum-ineptio* que fazia com que as pessoas lhe vissem como um amável velhinho com uma forte inclinação das costas. Simplesmente ele não gostava dos humanos. Eram sujos, inúteis, e desorganizados. Forge gostava que o seu mundo fosse igual ao seu trabalho: limpo, organizado, e constantemente livre de passos desnecessários. Não é que Forge chegasse a ponto de desejar o desaparecimento da humanidade; simplesmente alegrava-se de que tivessem seu próprio mundo especial em que viver, e que raramente ele tivesse que vir aqui, como uma espécie de jardim zoológico.

Quase tinha decidido não ir esta noite. Algo não encaixava neste encontro. Considerando as habilidades únicas de Forge, não era incomum não conhecer o nome de um cliente, mas estava acostumado a um certo decoro, não só a uma nota e um número. Forge sabia o que significava o número, no entanto. Era o pagamento oferecido por seus serviços, e também muito surpreendente. O suficiente para que Forge deixasse seu trabalho, e procurasse o misterioso endereço nesta vasta extensão do decrepito e antiestético mundo humano, apesar da sua apreensão. Afinal, Forge *era* um duende.

Ele deixou de andar e estudou o número do apartamento que estava em sua frente. Olhou fixamente ao outro lado da rua, franzindo a testa. O portão da fábrica terminava repentinamente antes de chegar ao próximo bloco. Em seu lugar tinha um terreno vazio, bloqueado por ervas daninhas, lixo empurrado pelo vento e garrafas quebradas. Um caminho abandonado encontrava-se inclinado no canto, enterrado entre lama e altas ervas. O cartaz de madeira que tinha no centro do chão estava meio caído. *Futuro Lar de Condomínios e Complexos Recreativos Quimera*, lia-se em letras desbotadas. Forge tirou novamente a mão do bolso e abriu-a. O endereço tinha desaparecido do pergaminho. Uma nova palavra tinha aparecido.

Vire-se.

Deixou cair a mão ao lado do corpo. Olhou o terreno vazio, mordendo os lábios. Estavam advertindo-o que voltasse por onde tinha vindo? Parte dele assim o esperava, mas ele duvidava. Lentamente, virou no ponto onde estava, em pé no meio da rua

deserta, levantando seus olhos para a escura massa do edifício. Uma janela quebrada devolveu-lhe o olhar, como o olho de uma caveira. O vento soprava, levantando as cortinas da janela quebrada, fazendo-as esvoaçar. Forge suspirou e baixou novamente o olhar para o pergaminho.

Caminhe. Para trás.

- Bom - resmungou Forge para si mesmo, - quem tá na chuva é pra se molhar.

Ele começou a andar para trás, alçando as botas cuidadosamente para evitar tropeçar no meio-fio ou nas pilhas de lixo putrefato. Cuidadosamente subiu a calçada e continuou, Tateando a procura de um leito de ervas daninhas no solo do terreno vazio. A calçada parecia mais ampla do que ele tinha esperado. A cada passo que dava para trás encontrava uma sólida e lisa pedra. Forge olhou para baixo. Tinha azulejos de pedra cuidadosamente colocados sob suas botas em vez do áspero concreto da calçada. Levantou os olhos de novo e tomou uma respiração ofegante. Duas formas monstruosas olhavam para ele. Eram gárgulas, cada uma pousada no topo de um pilar de pedra. A chuva golpeava e escorria por seus horríveis rostos. Entre os pilares tinha uma alta grade de ferro forjado. Enquanto Forge observava, esta se fechou com um vibrante e ressonante rangido, trancando-o dentro. Virou-se instantaneamente, com o coração palpitante, e viu que o ferro forjado formava uma cerca ao redor do terreno. Era de seis pés de altura e terminava em bicos ameaçadores. O terreno vazio já não estava cheio de lixo. Tinha um gramado, cuidadosamente aparado, cada folha de erva misteriosamente afiada e exatamente da mesma longitude que suas companheiras. A chuva formava gotas sobre a erva como cristal. Onde antes tinha estado o caminhão abandonado tinha agora uma longa carruagem negra, imaculadamente brilhante e coberta por um estilo gótico. Não haviam juntas para cavalos na carruagem. Forge estremeceu, e depois levantou o olhar para o centro do terreno.

Em vez do cartaz inclinado tinha uma casa. Não era enorme, mas sim estranha e inusitadamente alta. Suas janelas e básculas pareciam ter vinte pés de altura e o teto que a cobria e quase parecia se projetar para fora, como um abutre à espreita. Alguns pilares molduravam a porta principal, que estava pintada de preto e tinha uma enorme aldrava no centro. Forge engoliu saliva, arrastou-se adiante, e aproximou-se à porta. Quando subiu os degraus, Forge não se surpreendeu em ver que a aldrava de latão da porta tinha sido esculpida para se assemelhar a uma serpente enrolada com reluzentes olhos cor esmeralda. Não se surpreendeu ao vê-la voltar à vida ao se aproximar. A cabeça separou-se de seu corpo enrolado de latão e mostrou uma língua dourada.

- Leva o pergaminho - sibilou a serpente.

- Pode apostar. Abra a porta antes que eu pegue alguma doença por estar debaixo desta chuva.

- Mossstre-nossss.

Forge levantou o olhar para a cabeça da serpente. Esta se balançou ligeiramente, açoitando o ar com a sua língua. Forge tinha crescido com um pai ferreiro e sabia como se faziam os ornamentos encantados. Ainda assim, havia algo na ondeante cabeça de latão e o sibilar da língua dourada que lhe preocupava. Enfiou a mão no bolso do seu casaco e retirou o pergaminho.

- Aqui está. Vê? - disse, tentando esconder o temor em sua voz. - Agora abra a porta.

A serpente esticou-se para o pergaminho que estava na mão de Forge. Alçou-se, e depois cuspiu uma rajada de chamas verdes. Forge afastou a mão com um puxão, gritando enquanto a chama consumia o pergaminho no meio do ar. Os olhos da serpente brilharam ainda mais e se desenrolou ainda mais da porta, se inclinando para o rosto de Forge. Forge não tinha pensado que fosse possível, mas a escultura parecia lhe sorrir.

- Prossssssiga - disse esta. A porta se destrancou e abriu-se pesadamente.

Forge entrou lentamente, olhando ao redor. Encontrava-se num longo vestíbulo, coberto por um rico e bastante desgastado tapete vermelho. Tinha grossas portas de ambos os lados, laqueadas até ficar convertidas em brilhantes espelhos negros. Todas estavam fechadas exceto a do final. Chegavam vozes por trás dela, ressoando tanto que Forge não podia entender direito. Já estava abrindo a boca para se anunciar quando a porta de repente se fechou inesperadamente atrás dele, sobressaltando-lhe. Olhou para trás, com os olhos muito abertos e, em seguida, escutou de novo. As vozes ainda estavam falando. Os mestres da casa deviam ter ouvido o golpe da porta, portanto deviam saber que ele tinha chegado. A água gotejou firmemente pela barra do casaco de Forge enquanto ele avançava silenciosamente pelo vestíbulo, para a porta aberta e as vozes.

Além da porta tinha outra habitação escura. Havia um banco a um lado e um grande espelho de caixilho ornado no outro. Outra porta aberta mostrava parte de uma terceira habitação. Forge pensou que parecia uma biblioteca. A luz do fogo tremeluzia sobre as paredes e as sombras moviam-se. As vozes tinham-se tornado mais perceptíveis.

- Está muito escuro - disse a voz áspera de uma mulher. - Estamos muito longe, meu senhor. É impossível ter certeza.

- Será melhor que não diga isso - replicou a voz de um homem - "Impossível" é uma palavra tão... *definitiva*. Talvez não se importe em enfatizar um pouco mais, senhora.

- Sim - disse rapidamente a mulher. - Um erro, meu senhor. Deixe-me olhar de novo.

Houve um movimento, como se alguém estivesse mexendo numa cadeira grande, e uma voz de homem diferente falou impacientemente.

- Só diga-nos o que você vê, mulher. Nós decidiremos o que é.

A mulher gemeu, não se sabia se de medo ou concentração.

- Há três figuras... pequenas. São... não, não são pequenas. Eles são jovens. Um deles é mais alto, outro tem o cabelo avermelhado. Estão... há uma comoção. Luta.

Forge escutava, sem saber se realmente devia o fazer. Examinou a antecâmara, mais escura que a biblioteca e viu um cabide para casacos junto à seguinte porta. Ele retirou o casaco e pendurou-o ali. A água gotejava dele até o piso de madeira. Aparentemente, teria que esperar até que a atual entrevista em andamento tivesse terminado. Aproximou-se do banco, mas não se sentou nele. No espelho, em frente ao assento, Forge podia ver um reflexo da biblioteca para além da porta. Três grandes cadeiras estavam frente ao fogo. Forge só podia ver seus espaldares.

- Há outra figura. - A voz da mulher soava rouca. - Magra e alta. Um espectro, se posso confiar em meus poderes psíquicos. Os garotos estão lutando com ela. Vejo... vejo uma nuvem de brasas descendo. Receio que estou perdendo a visão...

- Deixe-me olhar - pediu uma voz impaciente.

- Calma, Gregório. A Adivinhação não é seu ponto forte - disse sedosamente a primeira voz. - Deixe que a mulher exercite os seus talentos.

No espelho, Forge viu uma mão movendo-se sobre o braço de uma das cadeiras. Era muito branca e levava um grande anel preto. A sombra da mulher moveu-se sobre a parede da biblioteca. Forge reconheceu a postura encurvada e o chapéu de uma velha. Ela estava inclinada sobre sua bola de cristal.

- Não - ofegou a velha, agora perdida na sua tarefa. - Esta não é o nevoeiro da distância nem nenhuma maldição de confusão. Isto é outra coisa. Algo está descendo sobre o lugar. Algo que está... tomando forma.

Fez-se um tenso silêncio. Forge sentiu-o, e soube que os dois homens estavam escutando muito atenciosamente.

- A luta terminou... - disse a velha com uma voz melodiosa, já completamente imersa na sua adivinhação. - Há um fantasma agora também... está ajudando a espectro... ou talvez seja justamente o oposto. Há muito conflito no Vácuo. Mas o nevoeiro desceu. Está tomando forma... a forma de um... um...

De repente a velha ofegou. Forge viu como a sua sombra recuava cambaleante, apertando as mãos sobre a cabeça. Houve um estrondo e o choque de uma coisa caindo.

- Continue olhando! - gritou a voz impaciente de Gregório. - Olha e conte-me, ou ajude-me...!

- Já chega! - disse a voz do outro homem, quase brincalhona. Tinha um sorriso nela. - Gregório, deixe à pobre mulher em paz. Ela viu, obviamente, algo que a deixou muito transtornada.

A velha estava ofegando, e então, estranha e horrivelmente, falou outra voz. Era muito fina, alta, fria, mas absurda. Forge não pôde ouvir as palavras exatas, mas parecia feliz, de alguma forma. Os poucos cabelos que ficavam na nuca de Forge se arrepiaram.

- O que você viu? - exigiu Gregório, ignorando a voz fina e rabugenta. - O que era?

- Não constranjamos à pobre mulher - disse a primeira voz. - Cumpriu a sua tarefa muito bem.

- Nos ocuparemos de que você receba o pagamento conforme o combinado. Obrigado, senhora.

- Havia um homem - ofegava a velha, com voz trêmula. - Mas então...

- Sim, obrigado - disse a voz do homem tranquilizadamente. - Acho que já ouvimos o suficiente. Gregório, talvez você seja tão amável de mostrar a nossa convidada...

- Horrível - caiu de joelhos, e depois chorou com veemência. Forge observava a sombra afundada da velha, e então outra sombra, a de um homem gordo, adiantou-se, proporcionando-lhe apoio.

- Sim - afirmou a primeira voz, descartando-a. - Era horrível, aquele homem. Obrigado.

- Não! - gritou a bruxa. Forge viu sua sombra avançar, apartar-se da sombra de Gregório. - Não o homem! Ele já era bastante horrível, mas então...

Houve uma pausa na que pareceu que a velha se derrubaria de novo. A mão branca no braço da cadeira alçou-se ligeiramente. O anel preto brilhou intermitentemente à luz do fogo.

- E então?

A velha se estremeceu.

- Algo mais. Algo... *chegou através...* era...

Ela não parecia capaz de continuar. A mão branca no braço da cadeira permaneceu imóvel, fixa num gesto que quase parecia uma bênção. A luz do fogo estalava e tremeluzia. A horrível voz do além zumbiu e gaguejou quedamente para si mesma.

- Fumaça - disse a velha finalmente. A voz tinha-se alçado, quase num falsete. Parecia uma menina. - Fogo negro. Cinzas e... e... olhos... e nada. Uma nada viva.

Houve uma pausa, e então a mão branca fechou-se num punho relaxado.

- Bom - disse a voz do primeiro homem casualmente, - isso muda um pouco as coisas. Talvez você devesse receber seu pagamento, aqui e agora, senhora. Esta noite. Lemuel, por favor, escolte a nossa convidada a... hum... algum outro lugar, não? Você encontrará um lugar apropriado para pagar-lhe, tenho certeza disso.

As sombras moveram-se. Uma figura, até agora invisível, se alçou e conduziu à velha para longe do fogo. Forge sentiu um pânico repentino pensando que entrariam na

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

